

# Deformação contra deformação

RAUL PILLA

O SR. RENE' MAYER, novo chefe do governo francês, pretende propôr uma emenda à Constituição, que fortaleça o Poder Executivo.

Que se entende, porém, em França, por tal coisa? A não ser para o sr. De Gaulle e outros cesaristas que tais, que desejariam um bom governo à moda americana, por ser o mais próximo do seu ideal, o que em geral se entende por fortalecimento do Poder Executivo é a adoção do sistema parlamentar clássico ou verdadeiro, restabelecendo-se em favor do gabinete o equilíbrio contra ele rompido, tanto pelas leis constitucionais de 1875, como pela atual Constituição francesa.

Anotem isto os nossos presidencialistas e, também, os nossos tímidos parlamentaristas, que bem quereriam poder derrubar o governo, mas sem nunca ter que responder, por seu ato, perante o eleitorado.

Por certo, não é bem o regresso ao magistral modelo britânico o que propõe o sr. René Mayer. É empírica e, a meu ver, pouco louvável a terapêutica preconizada: pretende-se neutralizar uma deformação do admirável sistema, por outra deformação de sentido contrário.

Com efeito, no sistema genuíno, pode o Parlamento derrubar o gabinete a qualquer tempo, mas pode este também recorrer do ato para o eleitorado. Pela atual Constituição francesa, porém, o primeiro ato não padece de restrições, enquanto o segundo só depois de dezoito meses e em condições determinadas se pode realizar. Vigora, pois, em tal período, o governo de assembleia, em vez do sistema parlamentar. Por isto, sucedem-se os gabinetes. E, por isto, Antoine Pinay, que em caso de consulta à nação seria provavelmente por ela apoiado, preferiu retirar-se, a esperar que o derribassem.

René Mayer, entretanto, em vez de restabelecer o sistema na sua pureza, pretende ir além do razoável: a queda dum ministério, antes de decorridos dezoito meses da sua nomeação, determinará a dissolução automática da Assembléia Nacional. Agora, é o Parlamento quem opde abusar do seu poder, protegido, como está, contra a dissolução; feita a reforma, abusará o gabinete, utilizando automaticamente, sem a discreção de uma autoridade superior e desinteressada na contenda, como o presidente da República, a poderosa arma.

A vista está a fórmula verdadeira, na própria França preconizada por eminentes autoridades, mas tanto é verdade que um erro provoca o erro oposto, que não há jeito de acertarem com ela.